



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANA VIRGÍNIA SILVA DOS ANJOS

CAPITÃ MARVEL: Relações de Amizade Feminino nos Quadrinhos.

**GUARABIRA - PB
2021**

ANA VIRGÍNIA SILVA DOS ANJOS

CAPITÃ MARVEL: Relações de Amizades do Feminino nos Quadrinhos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: Historiografia, História e Mídia.

Orientador: Prof^a. Me. Jaqueline Gonçalves Araújo.

**GUARABIRA - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A532c Anjos, Ana Virginia Silva dos.
Capitã Marvel [manuscrito] : relações de amizade do feminino nos quadrinhos / Ana Virginia Silva dos Anjos. - 2021.
23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Jaqueline Gonçalves Araújo ,
Departamento de História - CH."

1. Feminino. 2. Quadrinhos. 3. Amizades. 4. Gênero. I.

Título

21. ed. CDD 305.42

ANA VIRGÍNIA SILVA DOS ANJOS

CAPITÃ MARVEL: Relações de Amizades do Feminino nos Quadrinhos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: Historiografia, História e Mídia.

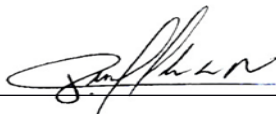
Aprovada em: 31 / 05 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Jaqueline Gonçalves Araujo
(Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Drª Susel de Oliveira Rosa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Mirelly Maciel da Silva.

Instituto Educacional Josino Gomes (IEJG) e Instituto Educacional Fênix (IEF).

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Quem é Carol Danvers?	12
3	Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra! (2014)	15
4	Amizade feminina: Danvers vs. Cobb	17
5	Conclusão	25
	Referências	

CAPITÃ MARVEL: Relações de Amizades do Feminino nos Quadrinhos.

CAPTAIN MARVEL: Female Friendship Relationships in Comics.

Ana Virgínia Silva dos Anjos¹.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da personagem Carol Danvers através das histórias em quadrinhos, com destaque para o título Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra de 2014. Para tal inicia-se uma breve discussão sobre como as personagens femininas são construídas e como elas são levadas ao esquecimento nas primeiras décadas do século XX. Uma breve contextualização dos 1960, momento em que é apresentada ao público a personagem Capitã Marvel. Nesse primeiro momento é apresentada uma análise das mudanças visuais da personagem ao decorrer do tempo. Em seguida, são apresentados os dilemas da personagem quanto super-heroína e mulher, suas relações de amizades. Por fim, discute as relações de amizades de acordo com as percepções masculinas, a construção do feminino enquanto mulher e personagem em quadrinhos, e a rivalidade feminina em seus vínculos de fraternidade como base para amizades. Para tal utilizaremos como fundamentação teórica os estudos feministas sobre imagens, subjetividade, amizades das autoras: Ionta (2006), Rago (2014), Lauretis (1984), Odino (2015), Nogueira (2015), entre outros. Além do debate sobre o uso das histórias em quadrinhos como fonte histórica.

Palavras-chave: Feminino. Quadrinhos. Amizades. Gênero.

ABSTRACT

This article aims to analyze the construction of the character Carol Danvers throughout the comic books, with emphasis on the title Captain Marvel: The Most Powerful Heroine on Earth, from 2014. To this end, a brief discussion about how women characters are constructed and how they are forgotten in the first decades of the twentieth century. A brief contextualization of the 60's, when the character Captain Marvel is presented to the public. In this first moment, an analysis of the character's visual changes over the time is presented. Then, the character's dilemmas regarding superheroine and woman, her relationships of friendship are presented. Finally, it discusses the relationships of friendships according to men's perspectives, the construction of the feminists as a woman and comic character, and the female competition in its fraternity bonds as a basis for friendships. For this, we will use as a theoretical foundation the feminist studies on images, subjectivity, and friendships of the authors: Ionta (2006), Rago (2014), Lauretis (1984), Odino (2015), Nogueira (2015), among others. In addition to the debate on the use of comics as a historical source.

Keywords: Feminine. Comics. Friendships. Gender.

¹ Aluna da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), graduanda do curso de licenciatura em História. E-mail: anaaanjos96@gmail.com.

1. Introdução

Em *O Surgimento das Super-Heroínas nos Estados Unidos da Década de 1940*, Natânia Nogueira em seu artigo traz aos leitores informações sobre como ocorreu a construção das super-heroínas, e como elas eram representadas e vistas na sociedade do século XX, mostrando que até então, os quadrinhos eram de domínio masculino, não apenas como leitores, mas também, como criadores das histórias e das artes. E sobravam para as mulheres ocupar o espaço de inspiração, personagens em sua grande maioria secundários. Observamos que as heroínas, por vezes tratadas como as mocinhas, eram quase que sempre retratadas como figurantes indefesas que precisavam dos heróis para salvá-las.

Não é estranho que ao pensarmos em super-heroínas, uma das principais recordações que possuímos é da ‘mocinha indefesa’ que precisa da ‘ajuda’ do herói. No entanto, Nogueira nos conta que “tanto pelas situações em que as personagens femininas se envolviam nas tramas quanto pelo aumento da participação da mulher na sociedade, as representações do feminino nos quadrinhos foram aos poucos ganhando autonomia, conquistando o seu espaço” (NOGUEIRA, 2015). Nesse fluxo, Carol Danvers que a início surge como uma personagem secundária e depois toma seu espaço no universo Marvel², ocupando diferentes postos que vamos explorar nesse artigo. As histórias em quadrinhos protagonizadas por Danves trouxe à tona questões do cotidiano feminino, relações de amizade, o próprio desafio de construção e afirmação de sua subjetividade como heroína, entre outras questões ligadas ao gênero.

Juliane Odinino nos traz em seu artigo *Princesas, Heroínas ou Super-Poderosas?*, a influência que as narrativas das histórias em quadrinhos trazem nas subjetividades para o imaginário infantil e o cotidiano feminino, mostrando que essas narrativas tornam-se populares no meio social devido a identificação que várias mulheres obtiveram com a personagem, segundo Juliane Odinino, “a super-heroína em especial revela-se fruto de uma complexa rede de acontecimentos que incidem sobre a mudança no ideal feminino, marcadamente recorrente no universo das mídias” (ODININO, p. 77), algo que segundo autora é muito temido pela civilização ocidental, devido a influência que as personagens dos quadrinhos constroem ao decorrer de suas aventuras e desenvolvimento de problemáticas. Mostrando que além de sua subversão como personagens criadas através das narrativas masculinas, elas nos trazem aspectos de mudanças em suas construções. Natânia Nogueira afirma “que a civilização ocidental ainda esperaria mais algum tempo para ver surgir uma super-heroína com quem as mulheres pudessem se identificar, com sonhos, temores e dúvidas e que lutassem contra inimigos mais concretos, mais próximos” (NOGUEIRA, 2015). Nesse sentido notamos que os principais inimigos enfrentados por Carol nos anos 2000 são a misoginia, o machismo, a incredibilidade, o assédio, a violência verbal e física, entre outros. Inimigos esses que são mais mortais que os próprios vilões que a heroína enfrenta em seu dia-a-dia.

No decorrer de seu trabalho, Natânia Nogueira ainda nos fala do apagamento que muitas personagens femininas sofreram ao decorrer do tempo, gostaríamos de retomar os casos da Fantomah e Miss Fury, e seus contrastes de popularidade na sociedade de 1940. Fantomah, que foi criada por Fletcher Hanks em 1940, construída com um estereótipo branco-estadunidense mesmo a personagem sendo apresentada como descendente de faraós, ancestralidade negra egípcia embranquecida pela narrativa, que possuía poderes mágicos. A

² Marvel – Editora norte-americana de mídia. Considerada a maior empresa de quadrinhos do mundo, foi fundada em 1939 por Martin Goodman.

heroína tem como missão "salvar" o continente africano de caçadores e outros males, ou do próprio imperialismo estadunidense? Fantomah tem como principal característica a mudança de sua face quando utiliza seus poderes, transformando-se em uma múmia, uma criatura desconfortável, abjeta, e por esse motivo Fantomah não se tornou popular entre os leitores da Hq, pois, a falta de feminilidade e beleza não atraía a atenção do público e aos poucos ela foi esquecida.

Enquanto Miss Fury, personagem que em seu dia-a-dia é uma socialite, a noite uma super-heroína, que ganha seus poderes através de uma roupa preta mágica, que amplia suas habilidades cada vez que colocada. Sendo sempre destemida contra seus inimigos que eram geralmente retratados como soldados e espiões nazistas, Miss Fury foi a primeira personagem a ter sido criada por uma mulher, June Tarpé Mills, em 1941, uma modelo da época. Nos quadrinhos da personagem, era possível destacar uma página para recortar peças de roupas e montar o look da personagem. Miss Fury era apresentada como uma mulher bela, elegante, além de super-heroína, ela também influenciava na moda, desta forma, tornando-se atrativa para o público feminino não apenas como símbolo de força feminina, mas como um modelo a ser seguido. Diferente de Fantomah, Miss Fury foi aclamada pelo público e ainda hoje temos personagens que reproduzem o mesmo efeito de reconhecimento feminino, como exemplo de feminilidade, são personagens como Mulher Gato, Harley Quinn, Viúva Negra, entre outras que tem os seus corpos e sexualidade explorados junto aos poderes.

As personagens Fantomah e Miss Fury foram criadas no mesmo período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Natânia Nogueira, o pós Segunda Guerra Mundial trouxe muitas transformações “por meio de rádio, do cinema, da animação e dos quadrinhos [...] tentaram conquistar um território fundamental para a vitória: o imaginário coletivo (NOGUEIRA, 2015), território este, que constrói tramas para que o público se espelhe e veja como algo simbólico, criando-se assim heróis e heroínas, modelos estéticos e comportamentais para que o público possa seguir.

A partir da análise de Nogueira, percebemos que essas personagens passam por mudanças e até mesmo rejeições, e acabam sendo alvos de críticas do público que buscam uma feminilidade modelo para que essas sejam aceitas. Se são “brutas” demais, precisam de mais “delicadeza”. Se não oferecem esse padrão, são esquecidas e apagadas. Observamos que as Hqs não diferem do cotidiano feminino, onde essas mulheres são submetidas a padronização e imposição de tipos comportamentais, que de acordo com Margareth Rago, “a padronização social é uma das formas usadas para evidenciar a maneira pela qual as mulheres são assujeitadas pela disciplina corporal e pela educação dos sentidos impostas em casa, na família, na escola, pela pedagogia, pela ciência, pelas artes, pelo cinema, pelas propagandas veiculadas pela mídia” (RAGO, 2014). Vemos que as personagens não escapam dessas imposições refletindo essas cobranças sociais dos/nos leitores que por vezes acabam aderindo os mesmos discursos que padronizam os corpos femininos.

Nos anos 1968 a empresa de quadrinhos Marvel cria sua personagem feminina mais aclamada, a Capitã Marvel que foi escrita pelo roteirista Roy Thomas e pelo ilustrador Gene Colan, dois nomes da ilustração nos anos 1960, ano este que é marcado por movimentos feministas em prol do direito do lucro de seu trabalho, que em 1962, é regularizado a lei que permite que as mulheres tenham o direito do seu lucro e administração de bens próprios, sem a autoridade do marido ou de sua família, conquistando assim, mais espaço e liberdade econômica. Assim como são os anos de alta dos movimentos feministas, a revolução sexual, os protestos sobre demandas públicas e privadas envolvendo o universo feminino, como a escolha

do uso de anticoncepcionais, e ser mãe ou não.

Carol Danvers em suas HQ's, passa por uma série de transformações visuais que influenciam o decorrer de sua trama, levando-nos a discussões do cotidiano feminino, revelando suas problemáticas e dilemas como heroína/mulher. Para melhor conhecermos esses dilemas, analisarei através de suas HQs³ e bibliografias relacionadas, a personagem Carol Susan Jane Danvers.

Para tal análise usaremos os quadrinhos como fonte histórica, que é uma fonte imagética e escrita ao mesmo tempo. Até o século XX, os quadrinhos não eram considerados por parte da historiografia oficial como fontes confiáveis, uma vez que se tratava de um documento imagético, uma criação ficcional. Aline Romani em seu artigo *O Uso de História em Quadrinhos Como Fonte Histórica* (2016) afirma que “na historiografia, a renovação da história social e as reflexões propostas na década de 1960 foram fundamentais para o reconhecimento dos quadrinhos enquanto importante fonte para vasculhar a cultura como um tecido orgânico, de forma que não se estabeleçam regras engessadas” (ROMANI, 2016). Observando que a Escola dos Annales foi primordial para esta mudança, pois, ao final da década de 1920, a nova história e a história cultural trouxeram novas concepções sobre as fontes históricas, abrindo um leque de possibilidades para a produção historiográfica, rompendo a concepção de que as únicas fontes confiáveis para os historiadores eram os documentos escritos produzidos por órgãos ou “sujeitos confiáveis”. Os debates pós Annales apontam que a construção da fonte para a História se dá na medida em que esta exige um testemunho do passado, um vestígio, e não necessariamente um texto (ROCHA, 2015). Vimos que essa mudança foi importante para a popularização das imagens, consequentemente dos quadrinhos na produção historiográfica, abrindo possibilidades para análises e produções na área acadêmica.

Sendo assim este artigo tem por objetivo analisar como se constroem a imagem da Capitã Marvel e as relações de amizade nas Hqs Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra de 2014 e A Vida da Capitã Marvel de 2018. As referidas hq 's foram escolhidas pois nelas a biografia de Danvers ganha mais espaço, assim como as suas relações de amizade. Para realização desta análise dialogamos com os estudos feministas sobre gênero, subjetividade e imagem, de Teresa di Lauretis, Margareth Rago, Romani. Com os conceitos de amizade de Ortega, Ionta, Cardoso e Naldinho. Utilizando também, os estudos sobre mulheres e quadrinhos ao decorrer da história com Odino e Nogueira.

2. Quem é Carol Danvers?

No quadrinho A Vida da Capitã Marvel (2018) com o roteiro de Margaret Stohl e as ilustrações de Carlos Pacheco, Rafael Fonteriz e Marguerite Sauvage, é mostrado como a personagem passa por diversos momentos de reafirmação como mulher e filha. Carol, filha de Marie e Joseph Danvers, é a única mulher entre dois irmãos, Joseph e Steven Danvers (já falecido). Seu pai duvidava da capacidade de Carol tornar-se uma piloto da aeronáutica, mandando seu irmão mais novo, Stevie, para a faculdade ao invés de Carol, mesmo ela tendo se formado como a melhor aluna do ensino médio.

Tendo em mente que o sistema de ensino nos Estados Unidos funciona de modo diferente do sistema de ensino brasileiro. Os estudantes do High School (que equivale ao ensino médio), mandam cartas de aceite para as universidades demonstrando interesse em migrar na instituição de ensino, logo mais, prestam uma redação falando sobre seu interesse e sua

³ Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra! de 2014 e A Vida da Capitã Marvel de 2018.

experiência durante o High School, mostrando seu currículo de atividades extracurriculares e notas. De acordo com este processo, Danvers seria aceita com facilidade em qualquer instituição de ensino superior. Por mais que o pai de Danvers tenha optado por enviar seu irmão, ela não desistiu. Tendo astrofísica como uma de suas matérias favoritas, ela mostrou interesse pelo programa de alistamento da Força Aérea estadunidense, e mais tarde, acabou passando em primeiro lugar, logo se destacando e subindo na hierarquia. Tornando-se uma das melhores pilotas da Força Aérea, uma área que é predominantemente composta por homens, onde a maioria das mulheres não possuem a mesma aceitação no campo, onde passam por preconceitos diários por serem mulheres. Sobre essa relação entre mulheres e tecnologia Araújo nos conta que esse era um espaço ocupado pelas mulheres, mas nem sempre a elas, eram permitidas ou eram reconhecidas como sujeitos capazes de realizar tais conquistas. Citando Rocha ela nos conta que esses eram “lugares outrora plenamente masculinos, nos quais as mulheres têm adentrado cada vez mais, principalmente após o surgimento da — sociedade interligada por redes computacionais de trabalho e de lazer, redes estas propiciadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.” (ARAÚJO, 2016, p.125). Apesar de ser a única mulher entre seus dois irmãos, eles a apoiavam durante seu percurso para tornar-se piloto. Inclusive, foi seu irmão Steven que a apresenta a Helen Cobb, piloto aposentada da aeronáutica e NASA, que foi a pioneira para que as mulheres tornassem pilotas de teste dos projetos da NASA, e era tida como um exemplo de heroína para a Carol.

Deste modo, percebemos que Carol nos é apresentada para além de uma super-heroína que possui poderes e salva o dia dos vilões, ela também é uma mulher com desejos, sonhos e determinações. Observamos que toda a história de Danvers é apresentada de forma a nos levar a construir o status de heroína, uma vez que sua narrativa reafirma uma ação composta de superação, transformação e crescimento. É nessa jornada que ele/a se afirma e adquire o status de herói e heroína (ODININO, 2015). Diante disto, podemos observar, que Danvers, passa por dilemas que a leva a esta construção de super-heroína/mulher que a tornam uma personagem construída através de seus temores e determinações.

Carol além de conhecida como Capitã Marvel também utilizou em determinados momentos os codinomes: Miss Marvel, Ace, Warbird e Binária, codinomes adotados durante a carreira de Danvers como piloto da Antiga Força Aérea Americana, Agente Especial e heroína. O nome Miss Marvel foi utilizado enquanto ela fazia parceria com o Capitão Mar-Vell (guerreiro e cientista Kree) e os Vingadores, após seu acidente com o psico-magnetron, máquina feita com tecnologia Kree com capacidade de realizar qualquer desejo de quem a obtém. O codinome Binária foi adotado logo após Carol ter seus poderes totalmente drenados pelo membro da Irmandade dos Mutantes do Mal, Vampira, a personagem passou vários anos para se recuperar totalmente. Durante esses anos, Carol conseguiu fazer sua primeira viagem de exploração espacial, através disto, ela se fortaleceu cosmicamente após absorver o poder de um buraco branco e acabou assumindo o codinome Binária. A partir de seus poderes novos, ela também foi chamada de Warbird (em português Ave de Guerra). Ainda assim todos conheciam seu nome e sua história militar, Carol inicia como uma heroína de guerra, por esse reconhecimento, ela não precisa ocultar sua identidade. Apesar de passar muito tempo fora do planeta Terra em suas missões intergalácticas, a personagem possui um bom relacionamento com a população de sua cidade.

Podemos observar as evoluções dos uniformes da heroína desde seu perfil como civil/mulher até seu último uniforme utilizado nas edições mais atuais. Vejamos a imagem 1:



Imagem 1. Evoluções da Capitã Marvel 1. Imagem editada e adaptada pela autora. Disponível em: <https://www.halloweencostumes.com/blog/p-1279-evolution-of-captain-marvel.aspx> - fevereiro de 2019

Na imagem 1, observamos a roupagem original criada em 1968, vemos que a personagem utiliza uma tanguinha e tem parte de seu abdômen exposta. Em sua versão Variant de 1977, percebemos que a barriga da personagem não é mais exposta, mas continua a exposição de suas pernas. O traço utilizado e a falta de roupa da personagem são questionáveis, pois, qual super-herói iria lutar contra vilões sem ter proteção total de seu corpo? Ou, roupas cravadas e coladas não atrapalharia a super-heroína em momentos de lutas corporais? Percebemos que esses traços são formas de saciar o desejo masculino por um corpo feminino ideal nas personagens em quadrinhos. Vejamos a imagem 2:



Imagem 2. Evoluções da Capitã Marvel 2. Imagem editada e adaptada pela autora. Disponível em: <https://www.halloweencostumes.com/blog/p-1279-evolution-of-captain-marvel.aspx> - fevereiro de 2019

Na imagem 2, observamos que seu uniforme clássico como Miss Marvel de 1978, que já cobre mais seu corpo, mas ainda assim, utilizando os decotes laterais, é adicionado um adereço, um lenço em sua cintura, o que lhe daria um toque mais feminino. Em sua versão Binária de 1982, seu uniforme não segue mais o mesmo padrão de “cobertura” do corpo da personagem, colocando novamente um tanguinha cravada e decotes laterais de seu tórax e abdômen, e seus traços corporais são mais exagerados, criando uma percepção irreal do corpo feminino do que seria o corpo de uma mulher com treinamento de combate militar, a personagem teria seus músculos mais definidos e com menos traços sexualizados. Vejamos a imagem 3:



Imagem 3 - Evoluções da Capitã Marvel 3. Imagem editada e adaptada pela autora. <https://www.halloweencostumes.com/blog/p-1279-evolution-of-captain-marvel.aspx> - fevereiro de 2019.

Na imagem 3, vemos um uniforme que possui mais traços realísticos, sem decotes ou tanguinhas cravadas, que remete o uniforme utilizado pelas mulheres da aeronáutica, trazendo um ar militar para a personagem que por sua vez, é piloto da aeronáutica.

Sobre os uniformes, Natânia Nogueira afirma que entre os anos de 1950-70, os quadrinhos incorporam imagens idealizadas da mulher, que “são na verdade representações de desejos, fetiches e mesmo do moralismo machista dos desenhistas e escritores norte-americanos. Os uniformes passam a revelar muito mais do que o necessário e os corpos femininos das mulheres de papel se tornam objetos de desejo masculino” (NOGUEIRA, 2015. P. 118).

Podemos notar mudanças nos uniformes que foram feitas ao longo dos anos, que podem ter sido causadas pelas mudanças das equipes de produção da Hq e a interação com o público, que vão de uma tanguinha cravada à um uniforme completo que cobre todo o seu corpo, deixando apenas seu rosto a mostra. No uniforme atual, Danvers utiliza um capacete para seu momento de voo, como uma forma de proteger seu rosto. Percebemos que essa exposição do corpo feminino nos quadrinhos, vem de uma cultura de narrativas machistas e de sexualização do corpo feminino. Capitã, criada em 1968, não escapa desses traços sexualizados, e a cada ano

de evolução, percebemos a demora para a mudança da roupa da personagem, que por muitas vezes foi tida como um símbolo feminista.

3. Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra! (2014)

Na Hq *A Heroína Mais Poderosa da Terra!*(2014), com o roteiro de Kelly Sue DeConnick e com as ilustrações de Dexter Soy, Emma Rios, Rich Elson, Karl Kesel e Al Barrionuevo, nos traz momentos de combate de Danvers com super-vilões e momentos de reflexões da personagem, que ainda vive o dilema de possuir o manto de Miss Marvel e pensa se deve aderir ou não, ao nome de Capitã Marvel, assumindo o lugar então ocupado pelo falecido Capitão Mar-Vell. Vejamos a cena que abre a Hq e inicia a história da personagem:



Imagem 4 - *Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!*, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p. 2.

A HQ inicia-se com o combate entre Homem Absorvente, Capitão América e Miss Marvel, mostrando O Museu de História Natural, que se localiza na cidade de Nova York. Em meio à luta, Homem Absorvente a chama de “vadia” e Carol retruca “bom, está vadia possui patente de Coronel, então, tecnicamente, eu possuo uma patente maior que a do Capitão”. Observamos que Danvers lida com a misoginia e o machismo de forma irônica, independente de possuir poderes ou não. Esse não é o único momento que iremos observar a tentativa de diminuir ou anular Carol como mulher e heroína, sempre na tentativa de rebaixar seus feitos e colocá-la como inferior em relação aos demais personagens masculinos. Nessa cena vemos as relações de gênero se articulando a misoginia do vilão; Retomando os estudos de Donna Haraway podemos dizer que gênero é uma categoria analítica construída social e historicamente e reformulada ao logo do século XX, com o intuito de — contestar a naturalização da diferença sexual nas quais — homens e mulheres são socialmente construídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. (ARAÚJO, 2016, p.24) sendo assim podemos notar que em nossa sociedade, é afirmado constantemente o pensamento de superioridade masculina, comparando e hierarquizando diferenças entre homens e mulheres de forma a desprezar as mulheres. Reafirmando os homens como mais resistentes, mais sábios, mais ágeis, mais dignos. E as mulheres em contraponto estariam em posição de submissão, seriam fracas,

emocionais, teriam inúmeras características ligadas ao feminino, na área profissional, onde mulheres ganham salário inferior aos homens, mesmo trabalhando no ofício que o público masculino faz.

Sobre essa naturalização das mulheres como inferiores aos homens Teresa de Lauretis em *Através do Espelho: mulher, cinema e linguagem*, afirma que “como seres sociais, as mulheres são constituídas através de efeitos de linguagem e representação” (LAURETIS, 1993), e nos lembra que as mulheres historicamente são constituídas através das representações dos olhares masculinos na sociedade. Por muitos anos cabiam aos homens escreverem as histórias implicando na construção que se deu sobre as imagens das mulheres como indefesas, procriadoras, fracas, dóceis, entre outros.

É interessante notar que a postura de Carol diante da situação é de não ceder as falas misóginas do Homem Absorvente. Ela responde de forma a expor ao público o ridículo de ser considerada inferior, logo sua patente e a hierarquia militar é retomada como um meio de resistência, e também, utilizando de uma fala irônica revestida de sinceridade sobre sua patente, causando raiva no vilão. Sobre o falar sincero, Margareth Rago em *O Feminismo Acolhe Foucault*, nos apresenta o conceito de *parresia*, que de acordo com Foucault, é o ato de se dizer a verdade, de afrontá-lo, sem medo de deixá-lo irritado, em cólera, podendo chegar ao extremo da violência. Portanto, é a verdade no risco da violência (FOUCAULT, 2009:12 apud RAGO, 2014). Podemos dizer que Carol se impõe diante das violências sem medo de uma resposta violenta, indo contra a construção de que as mulheres são fracas, indefesas e dóceis.

Após derrotarem o vilão, a imprensa chega ao local e fazem algumas perguntas ao Capitão América, dentre elas “[...] e o que pode se dizer sobre sua nova parceira?”, referindo-se a Miss Marvel como sua “assistente”, lembrando que o Capitão América é a representação do homem ideal estadunidense o que o coloca no local do herói a priori. Homem branco, loiro, de olhos azuis que possui ideais de patriotismo, de justiça acima de tudo e fidelidade aos seus amigos não há questionamentos sobre hierarquias ou quem teria salvado o dia. Então, podemos perceber que a imprensa daria todos os créditos da derrota sob o inimigo a ele, por ele ser o herói e a máxima do discurso do progresso estadunidense.

Apesar de todo o discurso dado a imprensa sobre ser “sua nova parceira”, Danvers considera Rogers um de seus principais amigos, e o mais provocativo, sempre fazendo com que a mesma fique pensativa sobre os seus dilemas, principalmente sobre assumir ou não o manto de Mar-Vell. Quanto a isto, Hélio Rebello Cardoso e Thiago Canonenco Naldinho em seu artigo *A Amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder*, fazem uma análise de como as amizades podem causar efeitos em ambas as pessoas que possuem esse laço, considerando que conflitos são importantes para que a relação seja de reflexão, não apenas de aceitação incondicional. De acordo com isto, a amizade de Carol e Steven, se constitui em uma relação em que as provocações feitas, servem como reflexões diante aos seus dilemas. Nietzsche (2006) “afirma que não se deve buscar encontrar no amigo um reforço para sua identidade, mas, pelo contrário, material para transformação e criação do Si” (CARDOSO JR, H. R. ; NALDINHO, T. C. 2009).

Rogers, sempre se mostra disposto a ouvir Danvers de diversas maneiras, desde suas dúvidas quanto assumir o manto, aos problemas que englobam sua vida quanto heroína. Em sua luta com Homem Absorvente, Rogers além de ajuda-la em combate, reforça a fala de Carol quanto a sua patente, afirmando que ainda vai ultrapassá-la. Rompendo com a premissa de que homens e mulheres não podem ter amizades afetivas sem explorar as possíveis relações amorosas sexuais entre eles. Visto que até então a amizade entre homens e mulheres não era visto com bons olhos, de acordo com Margareth Rago “nas sociedades pré-modernas, a

polaridade sexual é irreconciliável pois homens e mulheres vivem em mundos separados (feminino e masculino), não podem ser íntimos e nem amigos” (RAGO, 2006). Vejamos então, que Danvers após sua conversa reflexiva com Rogers, decide aceitar e aderir o nome Marvel, pois, as conversas reflexivas com Rogers, à ajudou em sua escolha.



Imagem 5- Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p. 17.

4. Amizade feminina: Danvers vs. Cobb

Francisco Ortega em seu livro *Genealogias da Amizade* (2002), comenta sobre a existência de uma subcultura das amizades femininas e as mudanças ocorridas de acordo com os discursos filosóficos, que emitem reflexos até hoje em nossa sociedade. De acordo com Ortega, as amizades femininas eram afetivas e com juras de fidelidades, sem que houvesse dúvidas quanto a sexualidade das mulheres, [apesar de que as relações sexuais entre mulheres, eram comuns durante alguns séculos]. Para o autor isto começa a mudar a partir do século XIX, quando ocorre as primeiras reivindicações feministas, desenvolvendo-se assim o anti-feminismo, que se torna forte com o passar do tempo, pois, não se era aceito que as mulheres reivindicassem seu direito ao trabalho e ao voto, mudando a visão das mulheres como seres sensíveis e dependentes dos homens. Tornando essas reivindicações e essa nova visão sobre as mulheres, algo perigoso para o matrimônio e a família tradicional.

No decorrer da HQ *A Heroína Mais Poderosa da Terra!* (2014), nos é apresentada a personagem Hellen Cobb, piloto que foi responsável pelo primeiro voo feminino para testes da NASA e amiga de Carol, que antes mesmo de se conhecerem, já era uma inspiração para Danvers, que a conheceu através de seu irmão Steven. Cobb era dona de um bar em que suas paredes eram repletas de prêmios e recordes por seus voos. Alguns anos mais tarde, acaba falecendo devido a sua idade já avançada e deixa seu avião para Carol. O mesmo avião em que Cobb quando jovem conseguiu o recorde de voar 32.000 pés. Após algum tempo, Danvers

decide tentar bater o recorde utilizando o mesmo avião que Helen mas acaba fazendo uma viagem no tempo, vejamos:

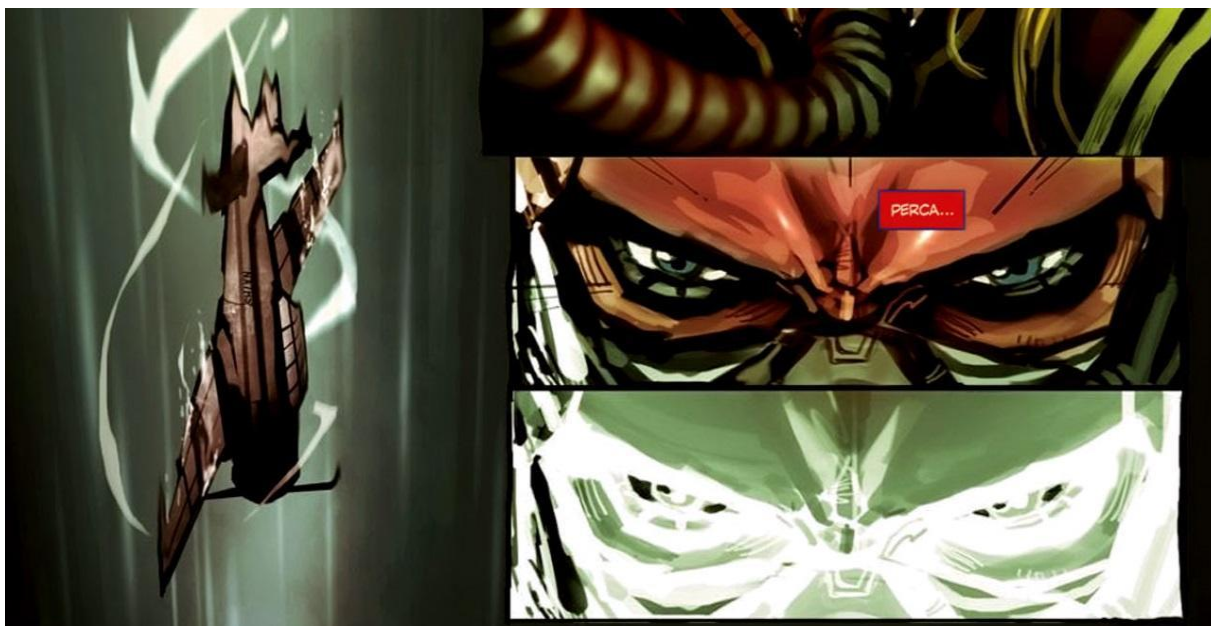


Imagem 6- *Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!*, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p. 32.

Carol acorda desnorteada, no ano de 1943, rodeada por tropas japonesas que a mantêm como refém. Cabe lembrar que neste mesmo ano, está se passando a Segunda Guerra Mundial, em que os Estados Unidos da América fazem parte do time dos Aliados acompanhado dos países França, Inglaterra e União Soviética. Enquanto o Japão está no grupo do Eixo acompanhado dos países Alemanha e Itália, a HQ acaba fazendo referência a este momento histórico em que Japão e EUA são inimigos de guerra. Neste momento, entra em cena o esquadrão Banshee, formado apenas por quatro mulheres combatentes que lutam na linha de frente contra as tropas inimigas, que imobilizam as tropas japonesas e salvam Danvers do perigo. Apesar do sucesso da missão, naves equipadas com tecnologia Kree⁴ aparecem e acionam fogo contra o grupo. Danvers entra em um dilema ‘usar ou não seus poderes para protegê-las?’ E causar alterações no espaço-tempo? e acaba decidindo utilizar seus poderes e salva o grupo de mulheres do ataque alienígena. Afirmando assim que seu nome é Capitã Marvel. Vejamos:

⁴ Kree – Nação alienígena pertencente ao universo Marvel.



Imagem 7- Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p. 45.

Após vencer as tropas Japonesas com as Banshee, Danvers descobre o motivo de sua viagem no tempo, foram os fragmentos do psico-magnetron⁵ que foram espalhados pelo espaço-tempo. Neste momento, ela vê o avião em que fez a viagem no tempo sobrevoando o local e percebe que quem está pilotando é ela mesma. Danvers abre voo em direção ao avião e consegue alcançá-lo e acaba viajando no tempo novamente, para o ano de 1961. Vejamos a cena abaixo:

⁵ Psico-magnetron – Tecnologia Kree que concede desejos inimagináveis a pessoa que o possuir.



Imagem 8- Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p.81.

Carol recobra sua consciência em um quarto de alojamento e conhece Helen Cobb no auge de sua carreira na aeronáutica. Cobb havia acabado de voltar do Clube Aviadores do Uísque, onde anunciou para suas colegas que conseguiu confirmar o programa de teste feminino da NASA, em que ela utilizou um pedaço do psico-magnetron para negociar a admissão do projeto para as pilotas. Vemos que este momento se passa no ano de 1961, ano em que se

encontra diversas maneiras de imposição de um modo/estilo de vida feminino, desde suas roupas até a maneira de se comportar frente aos homens, Guacira Louro Lopes em *Gênero, Sexualidade E educação Uma perspectiva Pós-Estruturalista (1997)* afirma que esses “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar” (LOURO, 1997. p 24). Mulheres neste período conseguiam empregos apenas como secretárias, babás, assistentes, empregadas, entre outros. Pois, esses trabalhos eram vistos como femininos, onde apenas as mulheres podiam exercer estas funções. Vendo que a aeronáutica é um espaço predominantemente masculino, a personagem encontra uma maneira para adentrar nesse meio, utilizando um objeto de troca. A perpetuação desses espaços como masculinos se faz presente até os dias atuais, partindo do pressuposto que esses espaços foram construídos para que cada sexo tenha seu local determinado, de acordo com Guacira, “é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 1997. P 21).

No outro dia, durante o teste voo, as personagens entram em uma disputa aérea, em que Cobb finge um G-LOC⁶ para vencer a corrida. Após os testes, elas se reúnem com suas colegas de ofício no Clube Aviadores do Uísque. Neste momento, entra uma de suas colegas com marcas de agressões e sangrando, anunciando que o programa de piloto de teste feminino tinha sido cancelado. Revoltada, Cobb decide fazer algo sobre a agressão e o cancelamento do programa, e revela como foi feita a sua negociação em troca da aceitação do projeto. Cobb então planeja invadir a cede da NASA para recuperar o artefato. Danvers decide ajudá-la na missão e elimina os os seguranças, conseguindo recuperar o artefato extraterrestre. Porém, neste momento, o avião temporal sobrevoa o céu, levando-as para o momento em que Carol ganha seus poderes, através da explosão do psico-magnetron, em que Capitão Mar-Vell⁷ em meio a luta contra seu arqui-inimigo Yon Rogg⁸, a protege, mas, mesmo assim, ocorre a explosão do maquinário alienígena e seu DNA se funde com o de Carol, dando seus poderes a personagem e o super-herói acaba morrendo.

Danvers se vê sem saída, e entra em um dilema, se aproveita essa oportunidade para salvar Mar-Vell e ter sua vida comum de volta ou não. No exato momento da explosão, Carol opta por não alterar seu passado, mas não esperava que a máquina enquanto explodia realizasse o desejo de Cobb: ter os poderes de Carol. Vejamos Cobb se maravilhando e assumindo os poderes de Danvers na imagem abaixo:

⁶ G-LOC - perda de consciência induzida por força gravitacional.

⁷ Capitão Mar-Vell – Guerreiro e cientista Kree, responsável pela criação do psico-magnetron.

⁸ Yon Rogg – Guerreiro da nação alienígena Kree e arqui-inimigo do Capitão Mar-Vell.



Imagem 9- Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p. 122.

Assim se inicia uma luta entre Danvers e Cobb, para ver quem ficaria com os poderes e assumiria o manto de Capitã Marvel, e chegaria ao avião, que levaria uma delas para a linha temporal correta. Em uma rápida análise poderíamos pensar a questão da rivalidade feminina, as duas personagens disputam o poder, ambas se colocam ao extremo seus corpos em busca de poderes, no entanto gostaríamos de destacar outras percepções como o desejo de possuir os poderes para conseguir o que mais se anseia dentro do seu íntimo. Enquanto Danvers passa por dilemas para assumir o manto de Mar-Vell, Cobb de acordo com sua trama, quer os poderes para revolucionar a participação das mulheres na aeronáutica, e seu posto como piloto da aeronáutica, desde que vimos que a personagem passou por diversos problemas para conseguir espaço com suas colegas para participar do programa de testes da NASA.

Marilda Ionta em *As Mulheres e o Discurso da Amizade (2006)*, nos apresenta um pouco sobre a construção das relações femininas através do olhar masculino. De acordo com a autora, grandes nomes da filosofia, como: Aristóteles, Platão, Montaigne, etc, no decorrer do tempo, afirmaram que as mulheres não possuíam capacidade para as relações de amizade por serem muito frágeis e não possuírem nobreza suficiente para ter este tipo de relação, por ter apenas vocação para a maternidade e relações amorosas. Segundo Ionta, “é visível a reincidência da ideia de que as mulheres, quando jovens, rivalizam entre si para atrair a atenção masculina” (IONTA, 2006). Vejamos a situação de Carol e Cobb. As amigas não rivalizam sua relação de acordo com as premissas masculinas. Elas rivalizam, pois veem em sua relação, um meio para que uma possa alavancar sua amizade e deixar ainda mais concreta sua fidelidade, que de acordo com Ortega, era comum promessas de fidelidade eterna (2002) entre mulheres. Vemos que a rivalidade feminina em função do masculino não ganha espaço neste momento, pois, nos é mostrado que as personagens possuem desejos e ambições para suas vidas.



Imagem 10- Capitã Marvel: A Heroína Mais Poderosa da Terra!, v 1, n. 01, Panini Comics, 2014, p.126.

Podemos presenciar uma luta corpo a corpo com direito a muitos golpes, Danvers vence a disputa e chega ao avião, e percebe que Helen deixa um recado em um pequeno papel, afirmando que iria deixar o avião para Danvers e que ela estava devolvendo algo que não era dela, e que não há problema quando encontramos uma pessoa certa para passar a tocha, fazendo referência aos poderes de Carol. Neste momento, acabamos por entender que toda a trama da tentativa de quebra do recorde de Cobb e a disputa entre as duas, era com o propósito de Carol encontrar em si mesma sua identidade como heroína e mulher, reforçando também seus laços de amizade.

Como nos lembra Passetti quando ele afirma que os amigos vivem pelas suas diferenças. Não são espelhos para os outros, identidade coletiva ou ideal, fusão numa unidade superior. Os amigos livres são seus principais inimigos, não deixam as coisas sossegadas, como se houvesse um patamar acima a ser atingido onde residem o equilíbrio, a doçura e as delicadezas obrigatórias (PASSETTI, 2003, p. 12 *apud* CARDOSO JR, H. R. ; NALDINHO, T. C. 2009). Vendo que o resultado dessa disputa traz para Danvers conforto, ao perceber que

toda a situação não foi apenas uma prova de sua amizade com Cobb, mas a ajuda de uma amiga, que apesar de seus desejos e sua vontade de utilizar os poderes da personagem para conseguir o que tanto deseja, a acolheu em meio ao principal dilema de sua vida naquele momento, não deixou com que a personagem tomasse uma decisão sem ao menos tentar enxergar a situação por outro ponto de vista.

Voltando ao momento em que embarcou no avião, entrando em contato com a torre de comunicação, é informada que estava sumida por quatro dias e acaba lembrando que sua amiga Tracy Burke iria fazer uma cirurgia para a retirada de um câncer. Jessica Drew⁹, também conhecida como Mulher Aranha, melhor amiga de Danvers, vai até ao hospital para ver se Burke está bem. Devido uma promessa feita a Carol, ela deve verificar se Chewie¹⁰, o gato de Carol, e Tracy estão bem. Com o falecimento de Steven Danvers, seu irmão, Carol Danves acaba criando dependência alcoólica, e com isto, a personagem desenvolve um laço importante com a personagem Tracy Burke, que foi colega de Danvers enquanto trabalhavam na revista Mulher Jovem e também possui problema com o alcoolismo, criando assim, uma amizade duradoura. Burke a ajuda a tratar o vício da bebida alcoólica e a lidar com o luto pela perda do seu irmão. Visto que durante longos anos, a amizade feminina é vista como superficial, e que as mulheres não possuem capacidade para laços de amizades, segundo Ionta, porque se fia na ideia de que as mulheres são emocionais, expressivas demais para experimentar a profundidade da amizade. [...] Nesse sentido, eles tendem a valorizar e dar visibilidade às práticas amistosas masculinas e desvalorizar e elidir as femininas (IONTA, 2006). Podemos observamos que a relação com Burke e o falecimento de seu irmão, é de fato, importante para o desenvolvimento da personagem ao decorrer da trama e de como irão funcionar suas relações com outras mulheres, vendo que sua relação com Burke nasce através de um sentimento de perda e solidão, sobre o rompimento dessa solidão Ortega nos diz que

Smith-Rosenberg aponta para a existência de um “mundo feminino” na América do século XIX, no qual vínculos intensos de amor, amizade e intimidade, ofereciam ajuda e simpatia para suportar os traumas psíquicos e psicológicos envolvidos no nascimento, casamento, doenças e mortes. As mulheres compartilhavam ansiedades, tristezas e alegrias num mundo feminino que devia ser preservado (ORTEGA, 2002. Pag. 153).

Vejam, que as relações de amizade entre essas mulheres, nos aponta que é possível haver uma relação de troca, onde existe uma rede de apoio, em que é “indubitavelmente, a recuperação das práticas de amizade exercidas pelas mulheres aponta para a construção de relações com o outro mais livres, solidárias e múltiplas” (IONTA, 2006). As personagens nos mostram que ganham espaço nas relações de amizades, apesar de suas diferenças que se assemelham diante da trama, Danvers com seus dilemas heroína/mulher e Tracy com sua saúde debilitada, apesar de ser uma mulher determinada e geniosa, cede aos poucos às ajudas que Danvers e Jessica lhe oferecem, vendo que os laços entre as personagens é de solidariedade dentro de suas diferenças.

⁹Jessica Drew/Mulher Aranha - Ex agente da Hydra, que se voltou contra a organização criminosa após sua missão de matar Nick Fury (diretor da S.H.I.E.L.D), que a fez mudar de ideia, trazendo-a para S.H.I.E.L.D e anos mais tarde, trabalhando para S.W.O.R.D, onde se aproximou de Danvers.

¹⁰ Chewie - Criatura flerken. Um ser intergaláctico que possui tentáculos em sua boca que utiliza para atacar suas presas e inimigos.

5. Conclusão

Através deste artigo, podemos observar que Carol além de ser uma personagem que contradiz a visão de mulher sensível e dependente, nutre e se constitui via as amizades com mulheres que fazem parte do seu dia-a-dia como mulher e heroína, dentre elas, podemos citar a amizade de Danvers com Burke, que nasce a partir de uma situação em que as personagens tiveram que dar suporte uma a outra. Mostrando que pode sim existir amizades com laços de fidelidade e afetividade entre mulheres. Também podemos citar o sentimento de cuidado, que se faz presente no círculo de amizade da personagem, em que Jessica Drew, se dispõem a checar se os seres importantes para Carol estão bem.

Observamos que a rivalidade feminina não se constrói apenas em função das vontades masculinas, mas também, de acordo com o desejo de quem o carrega. Como foi visto no caso de Danvers e Cobb, que rivalizam em prol de seus desejos, e mesmo assim, mantém o seu laço de amizade. Dando suporte uma à outra independente de suas diferenças. Citando também Steve Rogers, que a provoca reflexões que ajudam a personagem a pensar seus dilemas, também contradizendo as percepções de que homens e mulheres não podem possuir laços afetivos de amizade. Vemos que a construção das personagens a partir das narrativas e percepções masculinas são problemáticas, pois, reduzem as super-heroínas a traços sexualizados e personagens secundárias, onde Danvers, após diversas transformações em suas imagens, nos dá uma resposta diferente.

E principalmente vemos a potência que essas narrativas podem atingir entre mulheres, meninas e entre outros sujeitos que veem em uma super-heroína, a imagem do que desejamos ser, alcançar. Capitã Marvel é mais do que uma personagem de Hq, ela se torna viva, uma imagem do possível no presente toda vez que é lida. Inspirando pessoas com suas aventuras e dilemas.

Referências

ARAÚJO, Jaqueline G. **Feminismo digital em *Blogueiras feministas*** (2010-2015). – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

CARDOSO JR, H. R.; NALDINHO, T. C. A AMIZADE PARA FOUCAULT: RESISTÊNCIAS CRIATIVAS EM FACE AO BIO-PODER. *Fractal: revista de psicologia*, v. 21, p. 43-56, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000100004 – acesso em 10 de abril de 2021.

RAGO, Margareth. **O feminismo acolhe Foucault**. *labrys, estudos feministas*, v. 2014, p. s/n, 2014. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys26/foucault/margaok.htm> - acesso em 10 de abril de 2021.

IONTA, Marilda Aparecida. **As mulheres e os discursos da amizade**. *Labrys. Estudos Feministas* (Edição em português. Online), v. 9, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys9/libre/marilda.htm> - acesso em 9 de abril de 2021.

LAURETIS, Teresa de. **Através do Espelho: Mulher, cinema e linguagem**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

ROMANI, Aline. **O uso de história em quadrinhos como ponte histórica**. Rastro vividos. 2016. Disponível em: <https://rastrosvividos.wordpress.com/2016/09/07/o-uso-de-historia-em-quadrinhos-como-fonte-historica> - acesso em 8 de maio de 2021.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. 1. ed. Editora: Iluminuras LTDA. 2002.

NOGUEIRA, Natania. A. S.. II Guerra Mundial e as “Super-Mulheres”: **O Surgimento das Super-Heroínas nos Estados Unidos da Década de 1940**. In: Amaro Xavier Braga Jr, Valéria Fernandes da Silva. (Org.). Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos. 1ed.Maceió: Edufal, 2015, v. 1, p. 101-122.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. **Princesas, heroínas ou super-poderosas? Agência e representação das personagens femininas infantis dos quadrinhos ao desenho animado**. In: Amaro Xavier Braga Jr, Valéria Fernandes da Silva. (Org.). Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos. 1ed.Maceió: Edufal, 2015, v. 1, p. 69-98.

THOMPSON, Caroline. **Como ser mulher, segundo as revistas femininas dos anos 1960**. Publicado em 08/05/2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/bjp4b4/como-ser-mulher-revistas-anos-60> - acesso 9 de maio de 2021.

CAPITÃ MARVEL: A HEROÍNA MAIS PODEROSA DA TERRA. São Paulo: Panini Comics Brasil, n. 1, abril 2014.

A VIDA DA CAPITÃ MARVEL. São Paulo: Panini Comics Brasil, n. 1, fev. 2019.

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a orientação impecável da professora Jaqueline. Obrigada por todas as horas dedicadas para fazermos o melhor possível para que este artigo aconteça. Serei eternamente grata pela sua ajuda e orientação! E pela paciência que a senhora teve nos momentos em que pensei em desistir e tentar depois. Muito obrigada por acreditar em mim e no meu tema. Aprendi muito durante esses meses de produção e leituras estudadas.

Quero agradecer o apoio da minha família, que me ajudaram em diversos momentos e compartilharam comigo o sonho e o desejo de tornar a graduação uma meta alcançada em minha vida. Estando comigo nos momentos difíceis e divertidos. Obrigada pelo apoio! Sem vocês, a ideia de cursar história não teria existido, pois, foi a influência e o estímulo que vocês me deram, que fez com que eu me esforçasse cada dia mais para chegar à graduação. A nossa luta unida fez com que este artigo fosse produzido.

Aos meus amigos de anos e amigos da UEPB, não existe sentimento que possa explicar o que sinto por vocês. Passamos por situações durante a graduação que tivemos que segurar as mãos uns dos outros para conseguirmos prosseguir. Essa união foi o principal estímulo para continuar e ter fé que conseguiríamos chegar onde queríamos. Cá estamos. Nos despedindo e festejando. Espalhando o sentimento de amor, união e fraternidade, o que nos manteve nos momentos de perdas, solidão, tristeza e felicidade. E fomos/fomos muito felizes. Tivemos momentos que ficarão guardados dentro de mim até onde a minha memória conseguir ir. Vocês fazem parte de mim. A pessoa de 5 anos atrás não é a mesma que aqui escreve. Gratidão pelo acolhimento, amor, sorrisos e abraços apertados, que curam as feridas do dia-a-dia e nos trazem de volta aos eixos.

No ano de 2020, apesar de todos os pesares da pandemia, conheci pessoas que entraram em meu coração e estão fazendo morada. Não nos vimos pessoalmente (ainda não), mas o sentimento de amizade cada dia que passa, torna-se ainda mais forte. Sem os nossos momentos de descontração em plataformas de jogos online, tenho certeza que não teria momentos de boas recordações desse ano tão complicado, que chegou e mudou o ritmo de nossas vidas de forma brusca. A vocês, meu carinho e apoio. Vocês foram meu suporte por diversos momentos. Saibam que serei o de vocês quando precisarem.

Deixo minha segunda casa chamada Universidade Estadual da Paraíba – campus III, localizada na cidade de Guarabira no estado da Paraíba, com vontade de retorno, como aluna ou professora. Um lugar acolhedor, que apesar de todas as suas problemáticas, eu me sentia em casa. Acolhida não apenas pela estrutura do lugar, mas todos que fazem a UEPB, desde os professores aos funcionários que cuidam de cada espaço daquele lugar. Agradeço a cada um de vocês pelos momentos de acolhimento através de um copo de café à conversas descontraídas no corredor. Vocês me transmitiram conhecimento não só pelos livros e apostilas, mas pelos conselhos sobre a vida e conversas sobre o lugar onde convivemos por 5 anos.